



Instauratio Magna

Revista do Programa de Pós-Graduação
em Filosofia da Universidade Federal do ABC
v. 1, n. 1 (2021): Edição Inaugural

Entrevista

Prof^a. Dr^a. Suze Piza

Realizada por
**Izabela Loner Santana e
Pedro Casalotti Farhat***

Universidade Federal do ABC
São Bernardo do Campo (SP)

Entrevista sobre a interdisciplinaridade e função teórica e social da filosofia com a Prof^a. Dr^a. Suze de Oliveira Piza, conselheira da Revista de Filosofia Instauratio Magna, docente na UFABC do Bacharelado e da Licenciatura em Filosofia, do Bacharelado e da Licenciatura interdisciplinares em humanidades, dos Programas de Pós-Graduação em Filosofia e de Economia Política Mundial.

* Entrevista realizada no dia 23 de outubro de 2020 por Pedro Farhat e Izabela Loner, editor e editora responsáveis.

Revista de Filosofia Instauratio Magna [RFIM]: *O que é a interdisciplinaridade e como ela ocorre ou poderia ocorrer na filosofia?*

Suze Piza [SP]: Essa é uma pergunta importante, pois “interdisciplinaridade” é um conceito daqueles que parecem ter grande relevância prática, política e social para a produção do conhecimento, sendo muito presente nos discursos, mas, ao mesmo tempo, é problemático porque, no geral, não se sabe do que se está falando.

O discurso em torno da interdisciplinaridade surge pretendendo reagir e responder a um reducionismo de buscar produzir um conhecimento complexo a partir de perspectivas unilaterais. A unilateralidade disciplinar não levaria, assim, a nada, não conseguiríamos produzir conhecimento que garanta o mínimo de potencialidade para intervir, resolver problemas, diagnosticar, avaliar. Logo, quando pensamos interdisciplinaridade, estamos, de alguma maneira, tentando fugir dessa unilateralidade.

A maior dificuldade é o quanto conseguimos “subir” depois que “descemos” demais, pois o trabalho em um campo disciplinar é de aprofundamento e todas as áreas são assim. O problema é que temos uma grande prática de aprofundamento, algo de extrema importância para nossa produção, mas ao mesmo tempo deveríamos ter a habilidade de conseguir “subir” para nos

relacionarmos com os outros campos disciplinares.

Se formos pensar em uma definição para interdisciplinaridade, temos que pensar que ela é o mínimo de pluralidade epistêmica que necessitamos para produzirmos conhecimentos sobre o que quer que seja, ao mesmo tempo em que precisamos encontrar recursos metodológicos que sejam interdisciplinares. Parece-me que, quando estamos conversando, apresentando e compartilhando nossas teses e conclusões, até conseguimos estabelecer relações e diálogos interdisciplinares, mas, ao mesmo tempo, temos grandes dificuldades em produzir conhecimento de maneira interdisciplinar, porque aí quem produz na filosofia produz de um jeito, em uma ciência social aplicada produz-se de outra forma. A grande discussão está aí, no processo de produção.

A filosofia tem uma potência de relação com as outras áreas, ela é toda cheia de abertura. A interdisciplinaridade, quando não ocorre, é porque houve uma perversão da função original desse saber. E o nosso caso é ainda pior, pois além de não estabelecermos relações, ainda ficamos em aspectos, em partes e não no campo filosófico como um todo, vivemos uma sub-interdisciplinaridade. Então, o primeiro avanço seria ser disciplinar, estar dentro da filosofia, pois em geral nem ficamos nisso, mas dentro de períodos, áreas, autores e muitas vezes dentro de livros de autores, de forma que o escopo foi reduzindo cada vez mais. Em suma, o que digo é que a filosofia é interdisciplinar e, portanto, possui potência

de relação com todas as outras áreas, mas historicamente houve uma perversão que não permitiu que isso acontecesse.

Atualmente poucos trabalham de maneira interdisciplinar na filosofia, grande parte por acharem que isso vai enfraquecer o campo, uma discussão de cunho não só epistemológico, mas também político.

RFIM: *Na UFABC, nos diferentes contextos de graduação e pós-graduação, você acredita que está funcionando a proposta de interdisciplinaridade? Como isso poderia ser buscado, especialmente na pós-graduação?*

SP: Responderei a partir da perspectiva dos alunos e alunas que foram graduandos e graduandas da UFABC e depois foram para a pós-graduação. Se formos falar de quem só veio para a UFABC na pós-graduação, abriremos situações muito distintas.

Quem fez a formação inicial na UFABC, em geral entrando pelo BCH, pelo menos a maior parte, fez o bacharelado específico — não só na filosofia — e depois entrou no PPGFIL. Isso, até agora, posso dizer que funciona maravilhosamente bem e na maior parte dos casos, mas temos uma pequena amostra, dado o tempo de existência da universidade e do programa, além da pouca quantidade de alunos/alunas que fizeram esse percurso. Agora, por que deu certo? Pois as/os estudantes são muito

diferentes daqueles provenientes de outras formações, sendo, na minha perspectiva, uma diferença fundamental. Mesmo quando há uma escolha por um caminho mais ortodoxo e tradicional dentro da filosofia, ainda assim existe uma diferença muito grande em relação ao perfil de outros estudantes, porque tem algo que é fundamental em nossa formação na UFABC, que além de interdisciplinar, é não sequencial. Isso cria dificuldades de várias naturezas, mas forma outro tipo de pessoa que não passou pela linearidade inventada da história da filosofia. Mesmo que se busque a linearidade, se é violentado por palestras, convivências, eventos que rompem com isso.

No entanto, uma resposta que não tenho como dar é se isso funciona na produção filosófica concreta, pois acho que não temos como responder ainda. Eu diria que funciona ao ter como produto pessoas mais capazes de articular diagnósticos e intervenções na realidade, e isso é feito, muitas vezes, a partir de trabalhos acadêmicos filosóficos, mas acredito que precisamos de mais tempo para ver como isso se efetiva de fato para a filosofia.

Na pós-graduação, temos alunos que vieram de outros espaços e isso abre outra perspectiva. Eu tenho dúvidas se eles sentem essa interdisciplinaridade, se têm essa dimensão. Talvez fosse interessante interrogá-los quanto a isso. O que eu sei é que eles sentem muito — o que já é uma diferença significativa — que na UFABC são tratadas temáticas das mais diversas e abrangemos

áreas que não são tratadas em outros espaços e instituições, algo como uma noção global de filosofia, pelo atravessamento em diálogos, eventos, aulas.

A diferença está posta e ela é positiva, mas temos que operacionalizar isso de maneira que apresentemos um resultado filosófico distinto, uma produção filosófica distinta a partir disso.

RFIM: *Tendo em vista as linhas de pesquisa e a diversidade de projetos, qual a sua avaliação sobre a composição das pesquisas no PPGFIL? Quais os ganhos de haver uma maior heterogeneidade de pesquisas? Isso poderia ser um sinal de abertura para perspectivas interdisciplinares?*

SP: Por mais que tenha muita diversidade temática, os trabalhos se adequam às linhas de pesquisa, o que é muito bacana. Ter diversidade e ela não ferir a coerência das linhas é algo não só interessante, mas importante para um programa de pós-graduação. O que mostra uma organização bacana da concepção do programa.

Sobre a nossa heterogeneidade, por enquanto, acredito que ela se restrinja nas autoras(es) estudadas(os) e abordadas(os), assim como outros programas têm feito, então ainda estamos em torno de apenas trazer pessoas que até então não eram reconhecidas como referenciais filosóficos.

Em geral, quando o problema de pesquisa é muito distinto de tudo aquilo que estamos acostumados em filosofia, às vezes nem é filosofia e poderia ser feito em outro programa mesmo. A primeira questão é essa, você pode fazer um trabalho sobre qualquer tema em um programa de filosofia, desde que consiga mobilizar um referencial teórico filosófico ou que tenha filosofia, mas sem essa justificativa a partir do autor, muitas vezes nem é o lugar adequado a fazer. Nosso programa permite que a pessoa perceba isso no processo, com a orientação e outros espaços de formação.

O maior diferencial que percebo, para além disso, é a realização do dito, do mito fundador da filosofia na UFABC — que na graduação não se efetivou e que no PPGFIL parece estar se efetivando — que é o da produção de filosofia voltada aos problemas. Por mais específico que seja, de uma maneira ou de outra as pessoas estão se mexendo e lidando com isso, ao apresentarem e falarem de suas pesquisas, as/os discentes já vêm com um processo de problematização. E acho que isso tem mais a ver com a abertura que a filosofia na UFABC se permitiu do que com a interdisciplinaridade, pois não acredito que o mero cruzamento de temas ou autoras(es) seja interdisciplinaridade. Mesmo que se traga um problema ou tema reconhecidamente de outro campo, não se está dando nem mobilizando recursos epistêmicos e metodológicos de outras áreas ou que sejam atravessados por outras áreas. E embora não seja interdisciplinar,

acho que essa abertura é importante. É um primeiro passo, uma condição para ela.

RFIM: *Na descrição da RFIM, lemos algo que surge como um discurso comum no âmbito do PPGFIL: “prezar o rigor na análise dos textos junto à história da filosofia e nos manter abertos às questões contemporâneas e à interdisciplinaridade”. Como você considera a distinção (comumente feita) entre história da filosofia e produção de filosofia? Seria possível superar essa distinção ou ela é sempre necessária para determinar o que é filosofia? Qual o papel da interdisciplinaridade nesse cenário?*

SP: Primeiro, sobre prezar o rigor na análise dos textos: isso é pressuposto e não objetivo. Creio, inclusive, que o problema é terem transformado meio em fim na produção filosófica. Sobre a história da filosofia, acredito que ela — assim como a história do pensamento, das ideias e dos conceitos em geral — é a nossa matéria-prima segura. O que dispara um processo de produção filosófica é quando se é afetado por algo, mas isso não é matéria-prima segura, pelo contrário, geralmente se fica tão balançado com o que te atravessa que não se sabe o que fazer com aquilo além de ficar chocado, incomodado. A relação com a tradição, seja escrita ou oral, é a exigência por algo seguro, registrado de alguma forma para realizar o trabalho. Logo, não tem incompatibilidade entre o trabalho com a história da filosofia e a produção efetiva da filosofia. Não se cria futuro sem passado, colocar uma contra

a outra é um falso problema e um falso debate.

O problema está na maneira como nos relacionamos com a tradição e não nela própria; está na conduta subserviente ao texto e à tradição. Uma subserviência que não se restringe à filosofia e que está presente em todo o resto, uma subalternidade estruturada que temos com muitas supostas autoridades que não a merecem. O trato com a história da filosofia é processo, meio para que se produza algo. A filosofia se mostra melhor frente àquilo que não é filosofia, é aqui que está a questão da interdisciplinaridade. Pensar a filosofia na relação com o que ela não é, com sua diferença, para entender melhor o que ela é e seu papel na produção de conhecimento. O campo interdisciplinar é o lugar por excelência para isso. Testamos nossa capacidade filosófica não quando damos aulas para quem está interessado em estudar especificamente filosofia, mas quando temos que mobilizar todo nosso repertório, nossos argumentos, nossa capacidade de articulação, quando colocamos a filosofia no mundo, frente ao diferente dela. Desse ponto deriva que ela não pode ser ensimesmada, mas sempre em relação com outros saberes e com a vida, senão ela se fetichiza como se tivesse ela mesma uma função própria. Todas as áreas correm esse perigo, mas a interdisciplinaridade ajuda muito a evitar isso.

RFIM: *Dentro de uma perspectiva mais ampla sobre a formação em filosofia na UFABC (graduação e pós-graduação), para você, qual*

a importância dos Bacharelados e Licenciaturas interdisciplinares na formação em Filosofia? E em sentido inverso, como a Filosofia pode contribuir para as formações interdisciplinares?

SP: Acho que nós da filosofia contribuimos mais para as diversas áreas do que elas conosco, dado que não é o objetivo ou proposta delas. Não é objetivo de um Bacharelado interdisciplinar colaborar para uma formação em filosofia, mas talvez a grande contribuição deles para nós seja formar alunos e alunas que desde que entram na universidade não têm perspectivas unilaterais na produção de conhecimento. Deve-se sempre pensar e estudar a partir de relações e múltiplas determinações, e isso o Bacharelado interdisciplinar em Ciências e Humanidades consegue dar e é fundamental para a filosofia.

A contribuição da filosofia, por sua vez, não só atinge a produção acadêmica dos estudantes e suas respectivas áreas, mas é ampliada para toda a sociedade quando presente na formação de todos os graduandos e graduandas da UFABC, em suas mais diversas áreas, experiências e circulação, o que também garante para ela um espaço e uma função social para além da profissional-acadêmica.

RFIM: *Da sua perspectiva, qual poderia ser a contribuição das pesquisas em filosofia para a sociedade? Qual deve ser a função social da filosofia?*

SP: Começo por uma definição de ciência para então pensar qual é o papel da filosofia nisso: entendo ciência como uma atividade de resolução de problemas. Precisamos dar uma resposta contextualizada e urgente, e por isso começo com essa definição, não por ignorar as especificidades e tarefas próprias de cada campo, mas por achar que é momento de unir forças para respondermos problemas gerais e estruturais. Quem trabalha com ciência deve estar disposto a contribuir coletivamente com o a solução de problemas da sociedade de maneira geral com toda amplitude possível.

A filosofia, por sua vez, não vai resolver os problemas sozinha, tanto por não ter recursos quanto por não ter isso como objetivo. Tanto que defino a ciência como atividade de resolução de problemas e não a filosofia. Logo, nossa tarefa nesta missão social é verificar como podemos contribuir para isso. O que não quer dizer que a filosofia é serva da ciência. Os trabalhos são independentes, pois a ciência pode muitas vezes conseguir resolver os problemas, mas não tem a capacidade de diagnóstico que a filosofia possui e não se resolvem problemas sem bons diagnósticos. Esses não devem estar a serviço da ciência, se formos ver, nós já temos feito muito isso em toda a nossa história enquanto campo e disciplina. Outra coisa, se resolução de problemas é algo tão importante em nossa sociedade, principalmente no Brasil, devido à precariedade em que vivemos, só a resolução de problemas sem a criação

de formas de intervenção concretas não nos tira das situações desastrosas e perversas as quais estamos submetidos. A tarefa da filosofia está aí!

O ideal é conjugar os trabalhos, a produção comunitária de conhecimento, sempre respeitando os papéis e as funções de cada um, cabendo a nós o trabalho de conceituação e elaboração de categorias para diagnosticar e pensar em como intervir.

Repito que esta resposta é datada para o agora, é consequência da urgência que vivemos todos os dias. Assim, acredito também que se conseguíssemos colaborar na melhora, por mínima que fosse, da vida de nossa população, teríamos muitas outras coisas para fazer, nosso campo é muito potente. Se não estivéssemos tão precarizados, se não tivéssemos tarefas tão importantes e urgentes, poderíamos criar futuros, inventar o que ainda não tivemos tempo nem de pensar!